XVIII ANNO PORTO, 15 DE AGOSTO DE 1896 NUMERO 16

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum ad destinatum persequor, ad brarium triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOUTRINAL: *A Milicia Christã* (XXIX) O culto interno, pelo rev.mo snr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.mo snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: *A missão do Pae de familia*, pelo ex.mo snr. Placido de Vasconcellos Maya; — *Feira!* pelo ex.mo snr. Dom Antonio d'Almeida; — *A religião*, pelo ex.mo snr. F. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Extincção d'uma capellania*: — *Varias duvidas*; — *Egrejas consagradas*. — SECÇÃO LITTERARIA: *Fealdade*, pelo ex.mo snr. Alves d'Almeida; — *Pensemos*, pelo ex.mo snr. Alves d'Almeida; — *Sete quandos*, , pelo ex.mo snr. Alves d'Almeida; — *John Bull* (11—1—96), pelo ex.mo snr. Alves d'Almeida; — *Tristezas*, pelo ex.mo snr. A. Moreira Bello. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Jonathas prisioneiro*; — *S. Roque, Confessor*, pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

Gravuras: *Jonathas prisioneiro*; — *S. Roque, Confessor*.

JONATHAS PRISIONEIRO

SECÇÃO DOUTRINAL

A Milicia Christã

XXIX

O CULTO INTERNO

LEVANTAM-SE estatuas para honrar os prototypos, que n'ellas se representam.

As imagens não tem prestimo algum, se não servem para honrar n'ellas o seu original.

Ora o homem, que se honra de ser imagem de Deus, deve, mais que os outros seres, dedicar-se ao culto da Divindade; porque esta o merece de todo o ser racional; porque ella quiz no mundo visivel especialmente retratar-se no homem; porque este deve ao seu Deus maiores beneficios que todo o resto das creaturas; porque a consciencia humana voz em grita o reclama, e finalmente, porque n'isso nos vae a nossa honra e a dôce esperança d'um futuro feliz.

Ninguem, pois, póde negar-se a pagar este tributo de justa homenagem, sem se pôr em guerra com a razão e a dignidade proprias.

A razão diz-nos que a infinita superioridade deve de ser adorada, e a nossa dignidade que a ingratidão é uma verdadeira infamia.

Lá na balança da consciencia o pezo d'este dever se accusa, e nos segredos do coração palpa-se.

A razão e a vontade são concordes n'este ponto: aquella conhece que deve dar culto a Deus: esta acha contentamento quando assim o faz.

Ora como no intimo do nosso ser é que nos apparece esta obrigação, ahi mesmo reclama que se satisfaça.

E' a nossa mente quem deve submetter-se reverente aos altissimos designios da Divindade augusta, acatando os seus preceitos e prostrando-se reverente perante tanta magestade, levantar hymnos de louvor e reconhecimento no coração.

E' este o primeiro altar onde devemos render os divinos cultos; e o incenso, que n'este altar se queima, constitue o culto chamado interno, porque se inicia e completa dentro de nós; e é tão sympathico, tão attrahente e tão consolador, que mal se concebe que haja creatura racional que o não preste, a não ser por barbara monstruosidade.

A formosura, a bondade, a sciencia e o poder impoem-se pela perfeição das suas qualidades. E quando essa perfeição é absoluta, como em Deus, sem uma pertinacia diabolica, não pode o ser intelligente deixar de se prostrar e adorar tanta perfeição.

Se nos captivam esses pallidos reflexos mysteriosos do formoso luar das noites calorosas do estio; o brilhar das estrellas nas fuscas noites longas do inverno triste; o rouxinol, que no salgueiral canta, nas placidas veladas do mez d'abril; a gazella, que entre anemolas e lyrios pasta na visinha encosta; as aguas, que se precipitam crystalinas e saltam espumosas de rocha em rocha; as fontes serenas, os caprichosos arroios e os turbulentos rios, a florsinha humilde e a gigantesca faia; como nos poderemos negar a prestar racional homenagem ao Deus, que n'esses seres todos, com clareza tanta e com tanto carinho, aos pobres filhos de Adão falla?

Esse fallar do Deus Creador é tão insinuante, que sem a mais minima violencia nos leva a pensar n'Elle, como n'um Pae clemente e santo, mas providente e justo que tanta cousa bella para nós creara, e nol-as dera todas, como provas do amor, que nos dedica, e como suave incentivo do que de nós exige.

Quando a nossa mente assim pensa, apparece illuminada por esse ser divino, e como que esquecida do pó, que piza, e da terra onde vive, eleva-se ao que é verdadeiramente immortal e grande, e retempera-se na vida do espirito, que nos distingue no concurso dos seres visiveis, e o pobre coração, que entre augustias aqui palpita, entre delicias ali respira.

Foi n'essa convivencia intima com o seu Deus que os santos, hoje adorados nos altares, se tornaram dignos d'admiração dos que viveram nos seus dias e da reverente memoria dos que vivemos e oremos hoje.

Os que nos honramos de militar na milicia christã deveriamos viver, como quem na presença de Deus vive, e constantemente lhe presta esta racional homenagem de respeito, amor e gratidão.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 163)

CCLX

P. Jeronyno de Gonnelieu

ENTRE os ascetas e moralistas mais notaveis, dos quaes houve tantos na Ordem de Santo Ignacio, occupa um dos primeiros logares o P. Jeronymo de Gonnelieu, nascido em Soissons (França), no anno de 1640.

Os auctores de theologia mystica, tratando principalmente da moral christã ou da perfeição religiosa, formaram uma especie de litteratura, desconhecida nos seculos anteriores ao christianismo e nos paizes que não resplandecem com a luz do Evangelho. E' só propria do catholicismo.

A theologia mystica, que se occupa da devoção da vida espiritual, não tem sido menos cultivada que a theologia dogmatica, especulativa, escholastica e moral, que discursa sobre as leis de Deus e da Egreja.

São innumeraveis os que teem versado este assumpto, principalmente entre os religiosos das diversas Ordens. A Companhia de Jesus produziu um grande numero, e as suas obras sobre este ponto gosaram sempre da maior popularidade.

Jeronymo de Gonnelieu, de quem vimos fallando, vestiu a roupeta jesuitica na edade de 17 annos; desde então consagrou-se inteiramente ao serviço de Deus e á salvação das almas, nas diversas condições do seu ministerio.

Exerceu com grande fructo a oratoria sagrada, porque os seus sermões eram cheios de uncção, e d'aquella eloquencia que se não aprende nos livros de Longino e de Quintilliano, aliás muito estimaveis e dignos de ser consultados. O jesuita Gonnelieu prégava com a palavra e com o exemplo, e esta é a prégação mais efficaz.

Não foi menos insigne na direcção das almas, ministerio tão difficil como o pulpito, ou talvez ainda de mais difficuldade.

Este santo religioso da Companhia de Jesus falleceu em Paris, no anno de 1715.

As obras d'este jesuita, que são em grande numero, occupam-se de instrucções espirituaes; n'ellas se revela a sua piedade e o seu zelo. E' mais conhecida a traducção que elle fez da *Imitação de Jesus Christo*, de Thomaz de Kempis, seguida de varias reflexões e orações.

Este livro preciosissimo, admirado de todos, tem-se reimprimido muitas vezes, ainda modernamente.

Note-se, porém, a tactica do partido jansenista. Esta seita, multiplicando edições das obras dos Santos Padres, traducções da Biblia, catecismos, etc., com notaveis infidelidades e alterações, para melhor propagar os principios nefastos da sua facção, praticou o mesmo com algumas obras dos jesuitas, que sempre odiou, imitando n'isto os calvinistas.

A obra do jesuita Gonnelieu foi uma das que corrompeu aquella seita.

—

CCLXI

P. João Busée

Bem como o precedente, o jesuita João Busée dedicou-se a escrever obras espirituaes, muito estimadas, e muitas vezes reimpressas.

Nasceu em Nimegue (Hollanda) no anno de 1541, e, depois de professar o instituto da Companhia, salientando-se em tudo o que diz respeito ás sciencias ecclesiasticas, ensinou em Mayense theologia, escriptura sacra, e controversias, por largos annos e com grande fama de doutrina.

Falleceu em 1611, deixando grandes obras de piedade e de controversia. Nas obras de controversia, em que combate os hereges, o jesuita Busée trata os seus adversarios com toda a doçura e com dignidade.

Entre as obras ascetica de maior celebridade contam-se as suas *Meditações*, divulgadas em quasi todos os seminarios da França. E, comtudo, esta obra, fructo da piedade e do zelo do auctor, foi corrompida em varias edições feitas por jansenistas.

Em ultimo logar direi que este sabio e virtuoso jesuita teve dois irmãos que tambem se distinguiram nas sciencias ecclesiasticas: Pedro Busée, que pertenceu á Companhia de Jesus, e Geraldo Busée, conego de Xanten.

E' mais conhecido o P. João Busée, de quem nos temos occupado, e é o que geralmente se cita quando se trata de mystica.

(Continua.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO CRITICA

A missão do Pae de familia

—

Se na terra ha alguma coisa sublime e grandiosa é por sem duvida a missão do Pae de familia. O Pae é o delegado e representante de Deus no lar domestico, a sua auctoridade vem-lhe directamente de Deus; por isso é ella a mais legitima, a mais desinteressada, a mais previdente e veneranda que existe sobre a terra; por isso o legislador impoz na lei suprema a obrigação do filho honrar seu Pae e sua Mãe, e todos os povos civilisados teem consignado nos seus codigos este dever, concedendo aos Paes os direitos necessarios ao livre exercicio da sua legitima auctoridade. Na Inglaterra, paiz onde se acha melhor organisada a familia, tem o Pae o direito de dispôr livremente de todos os seus bens, estando n'essa prerogativa a sancção da lei moral. Pelo uso prudente d'esse direito, e por meio d'outras instituições adequadas ás boas praticas sociaes, conseguem os inglezes conservar as suas casas, tanto as que são compostas de propriedades agricolas como as commerciaes e industriaes, por largos seculos com proveito publico, e sem quebra dos principios da justiça.

Agora os povos preoccupados com os principios revolucionarios, julgam ter mettido uma lança em Africa decretando nos seus codigos a partilha forçada, e portanto a restricção da liberdade de cada um dispôr livremente dos seus bens. A consequencia d'um tal regimen tem sido desastrada para os povos que o adoptaram. A França conseguiu por este systema desorganisar a familia, desorganisar a propriedade e, por fim, desorganisar a sociedade. Nós que seguimos na mesma esteira, vamos já reconhecendo os effeitos sinistros de tal systema; as grandes casas que eram uma grande força social, tendem a desapparecer, e com ellas as tradicções honrosas d'esses heroes que immortalisaram o seu nome, honraram a patria e deram lustre a suas familias.

E' certo que um homem que tem a representação d'uma familia d'onde sahiram os grandes nomes que honraram a patria, tem nas tradicções de sua familia o mais poderoso estimulo para imitar os feitos dos seus maiores e para ser um modelo de virtudes, d'onde os seus concidadãos aprendam a ser dignos e honrados.

E' egualmente certo que o homem que tem a faculdade de transmittir integralmente a sua casa ao successor que escolher, tem mais gosto em a melhorar e beneficiar do que se soubesse que, por sua morte, ella seria retalhada pelos seus herdeiros legaes.

De mais, a propriedade subdividida ao extremo, é um obstaculo permanente ao desenvolvimento progressivo da agricultura, que exige não só grandes capitaes circulantes, mas ainda uma certa area agricola para n'ella se poderem ensaiar e empregar os instrumentos e machinas aperfeiçoadas. Além de que a partilha forçada é uma provocação constante ao antagonismo entre os membros da mesma familia e origem de dissolução dos laços da confraternidade e amor de familia.

Por conseguinte a introducção d'este principio dissolvente na legislação do paiz foi um grave erro, que será necessario remediar em breve se não quizermos ver completamente desorganisada a propriedade e a familia.

Extinguiram os vinculos, como extinguiram as ordens religiosas e venderam os passaes e os bens da Egreja; é sempre o systema destruidor posto em pratica, esse odio ás tradicções e ao costume da nossa raça: saibam que com isto apressaram a ruina e a dissolução da sociedade.

Se havia abusos e desordens a remediar no regimen da propriedade, atalhassem-lhe, respeitando a instituição que tinha a sua razão de ser nas tradicções nacionaes, que são uma coisa muito digna de respeito, por isso que são a expressão da sabedoria de todas as gerações que nos precederam: é um absurdo logico argumentar do particular para o geral; porque com o andar dos tempos e pela corrupção dos costumes os morgados abusaram, d'ahi não se podia nem devia concluir pela extincção da instituição.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAYA.

Feira!

—

O mundo mundano tem sido sempre mais ou menos uma feira, mas nunca como n'estes dias. Antes da tal civilisação e do tal progresso a feira continha de tudo para venda e compra e só uma cousa não era lá encontrada para vender e comprar: a consciencia; não eram todos conscienciosos, mas os que o não eram tinham vergonha de pôr em venda ou leilão sua consciencia, do que aliás muito se falla no modernismo e tanto falta.

Consciencia todos teem, mas o que mais importa é o como ella se fórma para o viver pratico. N'estes tempos ha verdadeiros conscienciosos que não abraçam taes tempos, não querem nada com elles; porém na sociedade falta a verdadeira consciencia, havendo uns que nem a palavra querem ouvir e outros que teem uma consciencia formada segundo o seu bel-prazer e egoismo e por isto não é consciencia christã.

A feira da venda e compra das consciencias não é annual como as feiras de Vizeu, de Evora, e outras; não é mensal como a dos vinte e tres, em Coimbra, dos cinco, nas Neves, etc.; não é semanal como no Porto, em tres dias de cada hebdomada, ou uma só vez de oito em oito dias, ás terças e quartas-feiras; cahindo a terça em festa de Preceito, e assim a da Ladra, em Lisboa; e mais ainda: a tal feira é diaria e a todas as horas, e em tempo de eleições aquelles feirantes nem dormem mas comem e bebem á farta, e correm de algibeira para algibeira as listas ou os papellinhos; o que ella é no rigor da expressão é uma feira da ladra, desde a quarta de assucar até altos cargos sociaes, conforme o que

se passa na actual sociedade, vomitando esta civilisação e progresso.

Os facultativos são chamados para os doentes e muitas vezes desconhecem a causa da doença por não terem perguntado qual a comida ou bebida de que fez uso o enfermo, que na feira comprou por bom o que era mau.

Os padecimentos physicos resultantes das infidelidades que se praticam na feira modernissima são grandes, mas a ruina moral é incomparavelmente maior.

Antigamente quando na sociedade era dito algum desacerto, dizia-se ao desacertador: pois vem com isso á feira?! Na tal feira não se dá aquella admiração, pois que n'ella não ha mais que desconcertos e desacertos, salvo no conseguimento de fins injustos, que são preparados com a ausencia da moral, que é a reguladora exclusiva, sem par, dos procedimentos justos — a moral christã!

A mesma feira é franca, vendedores e compradores não pagam coisa alguma, pois que o diabo paga por elles todos e Deus os julgará!

As vendas e compras diabolicas têm por lucros o abysmo eterno!

DOM ANTONIO D'ALMEIDA.

A religião

A divina religião esse vinculo natural, esse laço mysterioso que liga o homem ao seu Creador e ao cumprimento das suas leis pelo mais profundo sentimento de gratidão, de respeito, de confiança e d'amor que nos inspiram os seus divinos attributos, as suas divinas perfeições e os beneficios que continuamente nos prodigalisa.

E' ella que prende os homens pelos laços da mais verdadeira amizade, como bem se pode conhecer nos paizes onde ha diversas religiões.

Deus, creando o homem á sua imagem e semelhança, infundiu-lhe uma alma racional, substancia espiritual que pensa e que é o principio da vida. E' na sua physionomia que brilham a vida, a intelligencia, a actividade, os desejos e sentimentos da sua alma.

Naturalmente religioso, o homem, ao pensar no presente, no passado e no futuro, conhece que a sua vida não é d'este mundo, que a sua alma hade viver sempre; seja junto de seu Creador cumprindo todos os preceitos da religião divina, seja condemnado para sempre, morrendo impenitente.

Não obstante isto, o homem vive como se nunca houvera de morrer. Chegado á edade em que tudo parece sorrir, aquelle que ha pouco recitava uma prece a Deus, uma oração á Virgem, que sua mãe lhe ensinara, eil-o, victima d'uma má companhia sepultado no vicio, escravo de suas paixões, despresador de todos os preceitos da religião.

O seu coração que já fôra innocente, torna-se frio como o gêlo, petrifica-se como a rocha e torna-se morto e insensivel aos raios da graça divina. Infelizmente só anhela o goso e a satisfação de suas paixões.

Os seus labios que outr'ora pronunciavam humilde e singela oração, agora envergonham-se de pronunciar uma palavra piedosa; vomitam chascos, improperios, obscenidades e até mesmo a nefanda blasphemia. Miseravel cegueira! triste condição da vida humana! E assim victima muitas vezes dos seus excessos, antecipando a morte, o infeliz cae miseravelmente no leito fatal que o prepara para o tumulo.

Então torturado pelas cruciantes dôres que acompanham o transe fatal, e ainda pelo mais cruciante remorso d'uma abreviada vida gasta na dissolução, succumbe horrivelmente no auge do mais horroroso desespero, do qual, infelizmente, tantos exemplos tem havido.

Porém, se por ventura não despresa os preceitos da divina religião, ou, se ainda ao menos solitariamente, ergue uma prece ao céo, uma supplica á Virgem, ainda pode ser tocado pelos raios da divina graça, por misericordia de Deus ou intercessão da Virgem, pois que assim não estaria totalmente o seu coração frio, petrificado ou insensivel á graça.

E assim póde, tocado pela graça de Deus, ter um verdadeiro arrependimento de seus crimes, receber anciosa e reverentemente os ultimos sacramentos e morrer suavemente na paz do Senhor.

Eis aqui quanto pode fazer a religião ou sentimento religioso n'aquelles que conscientemente cumprem os seus preceitos. Ella mitiga as dôres do agonisante que sente extinguir-se-lhe a vida a pouco e pouco, suavisa-lhe o soffrimento infundindo-lhe resignação e desperta-lhe a esperança d'uma vida melhor. Ella enxuga as lagrimas da viuvez, protege a orphandade abandonada e por meio da caridade que infunde entre os homens, o pobre desvalido que quotidianamente implora a esmola de porta em porta, ou nas estradas publicas para sustentar uma vida amargurada, é soccorrido na dura necessidade pelas almas generosas e compassivas; dá esperança ao velho que, alquebrado pelo decorrer dos annos, sente apagarem-se-lhe as tristes illusões da vida.

Salve, religião santa e divina que suavisas e consolas o homem em todos os transes afflictivos da vida, tornando-o paciente, caritativo e resignado sempre com a vontade divina do seu Creador.

F. G.

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Extincção d'uma capellania

João N. e sua mulher fizeram doação de todos os seus bens com a condição de que com elles se erigisse uma capellania em determinada egreja de Roma, com a renda de 100 escudos. Nomearam capellão Domingos R., sacerdote, para remunerar-lhe alguns bons officios; mas impozeram-lhe o cargo de uma missa diaria, que os capellães successores deveriam celebrar precisamente na dita egreja, mas que elle podia celebrar em qualquer de Roma ou de outra qualquer parte. E se o fisco em qualquer tempo quizesse apoderar-se da renda ou impôr algum gravame ou encargo sobre ella, ou alguma auctoridade ecclesiastica pretendesse exercer algum direito sobre a capellania, a renda devia passar em pleno dominio para os doadores, com a condição da missa diaria.

Em 1853 morreram os doadores, e a capellania ficou erecta com as condições que prescreveram, e conforme aos sagrados canones, havendo disfructado a capellania até 1879 o capellão nomeado pelos mesmos: mas um dos doadores disse que o fisco queria apoderar-se das rendas da capellania desde 1879, pelo que adoptou o meio de remir a pensão entregando 5965,90 liras, obtendo para isso permissão da Sagrada Penitenciaria. Isto supposto, o doador padroeiro recorreu á Sag. Cong. do Conc., fazendo algumas perguntas ácerca da *reversibilidade* do dote da capellania, a qual opinava elle que devia ter logar depois de ter intentado apoderar-se d'ella o governo. Discutido o pró e o contra da *reversibilidade* do dote aos doadores, formularam-se as seguintes perguntas para a sua resolução:

1.ª Se em virtude do direito de reversibilidade, o padroeiro está obrigado a mandar dizer a missa diaria, onde e com que esmola.

2.ª Se o capellão d'agora tem algum direito, e qual.

3.ª Se o padroeiro póde deixar de mandar celebrar a missa, entregando

determinada quantia por uma vez; e, em caso negativo:

4.ª Se ha logar, e em que fórma, á indemnisação dos gastos feitos indevidamente para obter a remissão.

A Sag. Cong. dos Bispos e Regulares respondeu em 4 de julho de 1874:

A' primeira affirmativamente, segundo a disposição da doação.

A' segunda, affirmativamente, como na resposta á pergunta anterior.

A' terceira e quarta, adiou-se a resposta, reservando-se para dal-a ao ficar vaga a capellania.

DEDUCÇÕES

1.ª Emquanto a capellania está provida, os encargos não soffrem alteração, e isto está muito conforme com a mente dos fundadores, os quaes tiveram duas coisas presentes principalmente: o suffragio de suas almas e a remuneração dos bons serviços que haviam recebido e ainda receberam depois, d'aquelle que favoreciam com a nomeação de capellão.

2.ª Portanto, ao capellão actual deve ficar-lhe intacta a renda da fundação pelo estipendio da missa que deve celebrar diariamente, e fica tambem em liberdade de poder celebral-a onde lhe pareça conveniente.

* *

Varias duvidas

O rev.mo D. Salvador João Baptista, Bispo de B... e F., expoz á Sagrada Congregação dos Ritos o seguinte:

Nas dioceses de B... e F... existem muitas egrejas, que, pertencendo antes aos Padres regulares, passado tempo, expulsos estes no principio d'este seculo pelo governo civil, passaram ás mãos do clero secular.

N'estas egrejas, onde vigora o costume de celebrar as funcções sagradas da Semana Santa, por falta de numero sufficiente de sacerdotes introduziram-se, ha alguns annos, certas praticas que deram logar ás seguintes duvidas:

1.ª Se o *Passio Domini*, na falta de outros ministros, póde ser cantado pelo diacono ministrante *quoad textum Evangelistæ*, e pelo celebrante *quoad verba a Christo prolata*, ou por dois diaconos, dos quaes um seja diacono ministrante; ou (se o subdiacono ministrante tem a ordem de diacono) por ambos os ministros de missa.

2.ª Se na Quinta-feira Maior é licito cantar a missa e levar processionalmente outra Hostia para a capella convertida em Sepulcro, ainda que no dia seguinte, n'esta egreja, não se celebre a missa dos Presantificados, e recolher privadamente a mesma Hostia do Sepulcro para o Sacrario.

3.ª No caso negativo, se é licito cantar a predita missa sem consagração d'outra Hostia e sem procissão.

4.ª Onde não ha nenhuma funcção na Quinta-feira Maior, póde conservar-se a Sagrada Pixide no seu altar até sol posto, para que os fieis, em logar do Sepulcro, possam visitar e adorar a SS. Eucharistia?

5.ª Se para denudação dos altares é bastante dobrar as toalhas ou frontaes de sorte que appareça descoberta a maior parte da meza.

6.ª Em certa egreja cathedral, nos dias em que se celebra o officio de algum santo, ao qual é dedicado um dos altares lateraes, celebra-se a missa conventual n'aquelle altar, estando no côro os conegos e outros prebendados. Por ventura este costume poderá ser tolerado?

E a mesma Sagrada Congregação respondeu ás duvidas propostas pela maneira seguinte:

Ad I *Affirmative.*

Ad II *Negative.*

Ad III *Affirmative* juxta Decretum Pii Papæ VIII (Resolv. Dub. 28 junii 1821, app. 31 julii eodem anno) *de venia saltem Episcopi.*

Ad IV *Affirmative.*

Ad V *Serventur Rubricæ.*

Ad VI *Affirmative, dummodo altare nimis non distet a Choro; secus Missa celebretur in altare chorali, vel Chorus adscititius paretur ad Altare, ubi Missa Conventualis celebranda sit.*

Egrejas consagradas

Em janeiro de 1884, o Bispo de Trento expoz humildemente á Sagrada Congregação de Ritos a seguinte duvida:

Se depois do decreto publicado em 5 de maio de 1882, as egrejas consagradas, de cujas paredes saltaram em grande parte as incrustações vulgarmente designadas pelo nome de *intonaco,* devem ser consideradas como execradas, e por conseguinte, carecem de nova consagração.

A mesma Sagrada Congregação, ouvindo o voto da Commissão Liturgica, respondeu: *Negative ad utramque partem.*

SECÇÃO LITTERARIA

FEALDADE

Já viste uma noite escura,
Medonha, tempestuosa...
E d'amplidão a negrura
N'essa noite, pavoroza?

E já viste de Meduza
As serpes petrificantes
De que a historia nos accuza
As desgraças fulminantes?

E já viste Adamastor,
A lealdade estupenda?
Pois nada d'isto é horror,
Porque ha coisa mais horrenda!

E essa coisa mais horrenda
E' a negra ingratidão...
Desdenhosa sem emenda,
Relapsa... por condição!...

ALVES D'ALMEIDA.

PENSEMOS

Sabemos que é venturoso
Todo o que soube viver;
Mas quem é que virtuoso
Seus fracos soube vencer?

Ah! ninguem por mais verdade,
Por mais justiça e mais lei,
Nos diga com seriedade
—Não fui, nem sou, nem serei!—

Pensemos na vida um pouco,
E as paixões moderaremos:
Só no perverso ou no louco
A desordem encontraremos.

ALVES D'ALMEIDA.

SETE QUANDOS

Quando o cego lib'ralismo
Se arremeça ao fundo abysmo
Da descrença peremptoria,
A apparição d'um jornal
Puramente liberal ..
E' para fulgir na historia!

Quando a solta liberdade
Acutilla a Divindade
Que não convem á licença,
Eu bemdigo a docta penna
Que liberrima condemna
Os horrores da descrença!

Quando a famosa egualdade
Que não quer auctoridade
Ao Deus Darwin se descobre,
Eu saudo o jornalista
Que arvorado em moralista,
Só diz o que é grande e nobre!

Quando a vaa fraternidade
Que escurraça a caridade
Faz progresso no descrer,
Eu bemdigo o retrocesso
No amigo do progresso
Da moral... e do dever.

Quando as vis paixões imperam
Dos mil erros que prosperam,
Eu não exalto a sciencia;
Mas quando a pura moral
Se alevanta contra o mal,
Enalteço... a consciencia!

Quando o louco socialismo
Dicta a lei ao cezarismo
Que será mais consequente,
Eu saudo a redacção
De todo o jornal que então
Ao homem brada: «Sé crente!»

E quando emfim os monistas
Aos crentes dos adanistas
Chamam loucos do céo avidos,
Eu bemdigo a liberdade
Dos amigos da verdade
Que defendem sempre impavidos!

ALVES D'ALMEIDA.

JOHN BULL

11 — 1 — 90

Tudo hoje do norte ao sul
Sabe gritar indignado:
«Portugal está roubado
«Pelo torpe de John Bull!»

Mas qual roubado, qual storia!
Aquillo é a egualdade
Que, a surrir fraternidade,
Começa a cantar victoria!

Aquillo é a liberdade
Que abolindo a escravatura,
Lhe promette alma ventura
A surrir... humanidade!...

Ver-se uma tribu captiva. .
«E que é da occupação
«Que a portugueza nação
«Lá tem... real, effectiva?. .»

John é um grande humanista,
E detesta o retrocesso
Do negregado progresso
Do amigo progressista!

E Bull? Bull é liberal,
E não quer que aos africanos
Que idolátra como irmanos,
Mais opprima Portugal...

Quer arrancal-os ao terro
Da escravidão portugueza
Que, d'uma fera rudeza,
Lhes faz dar... cambeta e borro!

Bull quer o mundo bonito,
E é só n'isso que John anda:
Que o diga a dictosa Irlanda,
Que o diga o ridente Egypto!...

E portanto, ó norte e sul,
Não mais sol temol-o o brado
De «Portugal stá roubado
«Pelo torpe de John Bull!»

Mas agora, a fallar serio,
Do governo o dormitar...
Nas provincias d'alem-mar
Fará perder o imperio...

Que El deixe o centro a que adhere,
Se quer que tudo progrida;
Pois não ha ninguem que aggrida,
Quando um bom governo impere.

E é certo que entre malvados,
Ou brutas feras sangrinas...
Conseguem mais dez batinas
Do que mil homens armados! ..

ALVES D'ALMEIDA.

TRISTEZAS

So come i giorni volgan lenti e amari
Desiderando quei che ne son cari.

TOMMASO GROSSI, *Giselda.*

Oh tristes olhos meus, que amargo pranto
Tendes a vida inteira derramado,
Acaso é meu incontrastavel fado
Soffrer sempre, e chorar continuo e tanto?

Se uma hora alegre estou, n'um sopro o encanto
Se esvaece, qual fumo arrebatado
Por lufada de vento frio e irado,
Que após de si só deixa gelo e espanto!

Bem quizera arredar o pensamento
Da lucta da existencia, tão ronhida,
E pelo ideal passeal-o um só momento!

Vem logo a realidade aborrecida
Abysmar-me em profundo desalento,
Pois soffrer e chorar é minha vida!

*

Um junto do outro, estamos sós os velhos,
Melancolicos, mudos e dolentes;
Ella — é mãe! — pelos filhos ora ausentes,
Em cleiantes preces, da alma espelhos.

Eu de animo procuro dar conselhos,
Com mais sabias razões que convincentes;
Pois as tornam de subito imponentes
De pranto os olhos humidos, vermelhos!

Do coração mais solida a eloquencia
Impõe aos artificios a verdade,
Zombando dos esforços da paciencia.

E quem resiste á sua auctoridade?
Callam-se os argumentos da prudencia,
Quando resôa a voz da saudade!

Ella soffre, que é mãe, mão estremosa,
Por se vêr dos seus caros apartada,
E temer que a arrebate a morte irada
Antes da hora de os rever ditosa.

Eu soffro co'essa ausencia dolorosa;
Soffro de vêr soffrer a esposa amada;
Soffro de a vêr enferma, e atribulada
Com receio da morte insidiosa.

N'este revolto mar que nos agita,
Qual de nós soffre mais, só Deus o sabe,
A quem cada alma é clara folha escripta.

A mim o que saber sómente cabe,
E' que só verei termo a esta desdita
Quando a terrena vida se me acabe!

(Dezembro de 1893.)

A. MOREIRA BELLO.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Jonathas prisioneiro

(Vid. pag. 173)

Esta gravura representa a prisão de Jonathas, irmão de Judas Machabeu, que, depois da morte d'este, tomou a direcção dos negocios de Israel e alcançou muitas victorias sobre os inimigos.

Jonathas foi feito prisioneiro por Tryphão, general de Demetrio.

A prisão deu-se nas seguintes condições:

Tryphão, receando o grande poder de Jonathas, que sahira ao seu encontro com quarenta mil homens, usou de subterfugio para evitar o combate, dissimulou as suas perfidas tenções, enviou mensageiros com grandes presentes e mandou dizer-lhe: « Porque fatigaste tu inutilmente todo este povo, quando nós não temos guerra um com o outro? Manda-os pois agora para suas casas: e escolhe d'entre elles alguns poucos, que fiquem comtigo, e vem commigo para Ptolomaida, que eu t'a entregarei com as outras fortalezas, tropas e com todos os que teem a intendencia dos negocios; feito isto eu me retirarei, porque a isso é que vim. »

Tryphão, logo que Jonathas entrou em Ptolomaida, fechou as portas da cidade e depois de mandar passar a fio de espada os que acompanharam Jonathas, prendeu-o.

Seu irmão Simão succedeu-lhe no pontificado, e preparou-se para combater Tryphão que se approximava á testa d'um formidavel exercito. Simão reuniu o povo e fallou-lhe nos seguintes termos: « Sabeis quanto nós temos combatido, eu, meus irmãos e toda a casa de meu pae, pelas nossas leis e

S. ROQUE, CONFESSOR

pelo templo santo de Jerusalem, e a que extremidade nos reduzimos para recuperar a nossa liberdade. E' por isso que todos os meus irmãos teem perecido e já não falta senão eu. Mas não permitta Deus que eu queira poupar a minha vida emquanto nos encontrarmos na angustia, pois não valho mais que meus irmãos. Eu vingarei o povo e o santuario, nossos filhos e nossas mulheres, e dissiparei as nações que o rancor ligou contra nós para nos opprimirem.»

Tryphão, tanto que soube que Simão lhe queria dar batalha, mandou-lhe embaixadores dizendo: «Pelo dinheiro que teu irmão Jonathas devia á fazenda real, por causa dos negocios que manejou, nós o temos retido. Mas envia-me tu agora cem talentos de prata e os seus dois filhos em refens, para que elle sendo posto em liberdade, não fuja do nosso partido, e nós t'o remetteremos.»

Simão, ainda que conheceu que Tryphão lhe fallava assim para o enganar, mandou todavia que se lhe levasse o dinheiro com os meninos, temendo mover contra si o odio do povo d'Israel, que poderia dizer: «Porque não lhe enviou o dinheiro e os refens, por isso é que Jonathas pereceu.» Tryphão porém faltou á palavra dada e mandou matar Jonathas e seus dois filhos.

* * *

S. Roque, confessor

(Vid. pag. 179)

Este santo era natural do Languedoc. Nasceu em Montpellier pelo anno de 1284. A sua familia era distincta.

Desde criancinha, Roque mostrou grande devoção para com a SS. Virgem.

Aos 20 annos, Deus privou-o de seus paes. Roque achou-se senhor absoluto d'uma opulenta fortuna. Mas não era esta fortuna que elle ambicionava. Distribuiu em segredo, pelos pobres, tudo o que pôde recolher de suas rendas, porque a edade não lhe permittia dispôr de seus bens, deixou a seu tio a administração de sua casa, e fugiu secretamente, disfarçado em peregrino, tomando o caminho de Roma.

Viajou como pobre.

Chegado a Aguapendente, na Toscana, pertencente aos Estados da Egreja, viu os estragos que n'ella fazia a peste. Querendo servir os empestados por amor de Deus, offereceu-se ao administrador do hospital para assistir aos enfermos, o que conseguiu depois d'alguma reluctancia, por ser muito joven e fraco.

Apenas Roque começou a tratar os empestados, cessou na cidade tão grande flagello. Soube Roque que a peste fazia crueis estragos em Casena, cidade da Romanha, e para lá foi. Alli succedeu o mesmo que em Aguapen-

dente. Pelos povos por onde passava repetia-se a mesma maravilha. Todos queriam ter em sua casa o peregrino.

Quando soube que a peste grassava em Roma, quiz ir immediatamente para alli. Quando lá entrou, o Papa Bento XI estava a preparar-se para partir para Perusa. O Cardeal Britanico, sabendo da chegada de Roque, quiz vel-o, e supplicou-lhe que impetrasse do Senhor o termo do flagello. Roque fez oração, e conhecendo que Deus o ouvira, pediu ao Cardeal que rendesse com elle humildes acções de graças. O Cardeal convidou-o a ir beijar o pé a Sua Santidade. Prostrado aos pés do Vigario de Jesus Christo, Roque pediu-lhe a sua benção e a absolvição dos seus peccados. «Meu filho, — respondeu o Papa á vista d'um milagroso resplendor, que cercou o corpo do santo — tu não necessitas da minha absolvição: eu é que necessito das tuas orações.»

Roque esteve quasi tres annos em Roma; depois de satisfeita a sua devoção, voltou ás terras d'Italia onde já tinha estado, continuando a servir os enfermos e a livrar da peste as terras por onde transitava.

Concedamos agora a palavra ao Padre João Croiset, que no *Anno Christão* escreve com mão de mestre os principaes traços da biographia d'este santo:

Tendo passado alguns annos nas cidades da Lombardia, sempre occupado n'estas santas obras, teve noticia de que a cidade de Placencia estava afflicta com a epidemia. Immediatamente se transportou a esta povoação voando em auxilio dos enfermos ao hospital. Mas Deus, para provar sua virtude, permittiu que elle proprio fosse atacado pelo flagello, e precisasse de ser tratado. Ficou-se uma noite sepultado em profundo somno. Despertou e sentiu-se tomado de ardentissima febre, com uma dôr na perna esquerda tão aguda, que o obrigava a proromper em lastimosos gritos. Recebeu estes trabalhos como favor especial de Deus, e não cessava de lhe dar por isso muitos agradecimentos.

A violencia do mal não lhe impedia a tranquillidade interior; mas a agudeza e intensidade da dôr obrigava-o a dar gritos, que podiam incommodar os outros doentes do hospital. Movido de caridade para com elles, não descançou, emquanto se não fez conduzir fóra. Affligia a todo o mundo vel-o estendido no chão, e exposto ás injurias do ar; apertavam com elle para que consentisse que o levassem outra vez para a cama; mas foi invencivel a delicadeza de sua caridade. Com receio de infeccionar a rua, onde estava, viram-se obrigados os visinhos a pol-o fóra da cidade. Cheio de goso por se ver tratado d'esta maneira, lá se foi o santo arrastando, arrimado a um pau até á entrada de um bosque, onde encontrou uma pequena choça que lhe serviu de abrigo.

O mesmo regosijo que sentia por se ver expulso do povoado, oppresso de dôres e destituido de toda a humana consolação e n'aquella triste solidão, lhe tornava mais deliciosa a incommodidade da estancia.

Mas tomou Deus a seu cargo o cuidado do seu servo. Perto da mesma cabana fez brotar um manancial de agua clara e crystallina que ainda hoje dura, dando-lhe o Senhor a maravilhosa virtude de o preservar da peste. Bebeu d'ella, e lavando a chaga com a agua, sentiu-se mui alliviado. Faltava-lhe o sustento, mas ainda Deus providenciou.

A duzentos ou trezentos passos do bosque havia nos castellos, de que era senhor, Gotardo, para onde se retirara emquanto durasse o flagello.

Estando um dia á meza, um de seus cães tomou um pão na bocca, e fugiu com elle. Não se deu grande attenção ao caso; mas no seguinte dia, estando tambem á meza, o cão repetiu a façanha, e deitou a correr. Gotardo julgou que matavam o pobre animal de fome, e começou a ralhar com o creado, que d'elles tratava. Por mais que este protestou o contrario, não foi acreditado. Como o cão furtasse ainda terceira vez o pão, tiveram a curiosidade de o ir seguindo, e viram que depois de ter entrado na choça, largara o pão nas mãos do santo, e depois de afagado, partia. Informado Gotardo de um facto tão extraordinario, foi ver o santo; tocado de sua paciencia, humildade e mansidão, e d'aquelle ar de santidade que resplandece sempre nos servos de Deus, perguntou-lhe quem era, e porque se tinha retirado n'aquella choça. Respondeu o santo que estava tocado da peste e que por tal motivo lhe rogava que tambem se retirasse. Obtemperou o cavalheiro; mas chegado a casa, reprehendeu-se a si proprio d'aquelle momento de pusilanimidade; retrocedeu, e voltando para junto do enfermo, declarou-se resolvido a não o abandonar. Sois feliz, lhe disse o santo, em terdes obedecido tão promptamente á divina inspiração. Deus chama-vos á solidão e quer que deixeis tudo para o servirdes a Elle só. Gotardo ouviu este oraculo como se fora do céo; sentindo-se outro, perguntou a Roque o que devia fazer. Quer Deus, disse o santo, que te vistas de peregrino, como eu; e para romper desde logo e para sempre com o mundo, a quem has servido demasiadamente, quer que n'este trajo vás pedir esmola á cidade de Placencia. Era forte a prova; mas Gotardo sujeitou-se a ella; depois de ter soffrido as vaias dos garotos e as reprehensões dos nobres, farto de opprobrios, voltou á choça em busca do seu director. A tão generosa acção, feita com os olhos em Deus, seguiu-se logo o premio.

Transformado em um novo homem, renunciou a todos os cargos e conveniencias, e consagrou-se ao serviço de Deus, passando o resto de seus dias na solidão. No entretanto o nosso Roque, acompanhado de novo solitario, regressou a Placencia, e depois de ter feito o signal da cruz em todas as ruas e no hospital, no mesmo instante ficaram sãos todos os doentes tocados de peste, e toda a cidade livre de tal flagello.

A' vista de tão estupendo prodigio, todos gritaram — milagre; correm de tropel ao santo, e acompanham-no á sua choça. No caminho ouviu uma voz que lhe dizia: «Roque, já estás são: volta ao teu paiz, onde darás novas provas de tua paciencia.»

Ouviu esta mesma voz um homem de grande virtude que ia entre a multidão, e rompendo atravez, foi lançar-se aos pés do santo, chamando-lhe por seu nome, e encommendando-se a suas orações. Ficou Roque surprehendido ouvindo chamarem-lhe pelo nome, que nunca tinha descoberto a pessoa alguma; prometteu áquelle homem, que tanto elle como sua familia e seu paiz ficariam d'ali em deante preservados da peste com tanto que a ninguem revellasse o que tinha ouvido até ao dia da sua morte. Depois que o nosso santo recuperou tão milagrosamente sua saude, tendo instruido e fortificado convenientemente o seu hospede em sua generosa empreza, tomou o caminho de França com habito de peregrino, pedindo sempre esmola.

Estava tão extenuado e tão desfigurado, que tendo chegado a uma povoação de seu antigo dominio, ninguem o conheceu; como além d'isso tudo eram suspeitas por causa das guerras, foi tido por espia, e como tal conduzido ao governador de Montpellier, que era seu proprio tio, o qual succedera no governo a seu irmão e pae do nosso santo. Roque persistiu no proposito de não descobrir quem era; por isso o governador, confirmado em suas suspeitas, condemnou-o a carcere perpetuo.

Não é possivel explicar a alegria interior do nosso santo quando se viu encerrado em um escuro calabouço e tratado com tanto menosprezo em seu paiz e por seu proprio tio. Consolavam-no maravilhosamente aquellas palavras do Evangelho, em que se diz

de Jesus Christo, que tendo vindo para entre os seus, o não receberam: *Et sui eum non receperunt.* Todas as suas conversações eram com Deus, passando em oração os dias e as noites. Como se a escuridão e a hediondez de um calabouço não bastasse para aparar sua paciencia, accrescentava ainda penosas mortificações a um estado já de si tão penoso. Seu alimento era pão e agua, e tudo por medida.

O desejo de padecer mais e mais por Jesus Christo era sempre engenhoso, suggerindo cada dia novas industrias para macerar sua carne; sua vida era um longo martyrio.

Cinco annos passou S. Roque n'estes terriveis abatimentos sem que houvesse pessoa alguma que lhe procurasse algum allivio a elle, que tantos procurara aos outros. Só Deus e a Santissima Virgem por cujo amor e a cuja imitação padecia, eram a sua consolação.

O carcereiro, admirado d'esta paciencia tão extraordinaria, contentava-se com dizer que aquelle preso era de massa differente da dos outros homens. Mas querendo o Senhor premear emfim o seu servo, revelou-lhe o dia e a hora da sua morte; o santo pediu que lhe fossem chamar um Padre. Entrando este no calabouço, ao qual não chegava luz alguma, ficou admirado, vendo-o rodeado de um celestial esplendor; mas muito mais assombrado ficou quando viu, que o corpo do preso despedia de si muitos raios de gloria. Depois de o ter ouvido de confissão e de lhe ter administrado a communhão, depoz toda a duvida, e conheceu a eminente santidade d'aquelle homem extraordinario. Logo que sahiu da prisão, vae direito a casa do governador, e referindo-lhe o que tinha visto, declarou-lhe que tinha no calabouço escondido um thesouro aos olhos do mundo.

O governador desdenhou a apreciação, taxando-a de sonho; mas divulgada a voz pela cidade de que no carcere estava um santo, em um momento o rodeou uma grande mó de povo. O carcereiro desceu á prisão e viu logo a luz extraordinaria que sahia pelas fendas da porta. Abre-a e encontra o santo estendido no chão; acabava de entregar a alma ao Creador, e tinha á cabeceira uma lampada accesa, e aos lados uma taboleta onde estavam escriptas estas palavras: «Os que tocados da peste invocarem a meu servo Roque, serão livres por sua intercessão d'esta cruel enfermidade.»

Referiram ao governador esta maravilha: ficou aturdido; tendo-a contado a sua mãe, avó do nosso santo que vivia ainda, respondeu aquella senhora, que se era seu neto, o reconheceria seguramente por uma cruz roxa que havia de ter no estomago, pois nascera com ella.

Pôde logo verificar-se este signal, e é facil de comprehender quaes seriam os affectos de dor, e de goso em toda a cidade. Expoz-se o santo corpo á veneração publica em uma especie de leito debaixo de um magnifico docel; o governador que estava inconsolavel pela dureza com que tratara seu sobrinho, fez-lhe sumptuosos funeraes.

Todos queriam ter a consolação de lhe beijar os pés e regar-lh'os com lagrimas. Foi conduzido o santo cadaver como em triumpho por toda a cidade, acompanhado do clero, da nobreza e do povo; deu-se-lhe sepultura na egreja principal que todavia não era a cathedral, porque a sé episcopal a esse tempo estava em Maguellon, d'onde só em 1533 se transferiu para Montpellier. Pouco depois seu proprio tio mandou erigir uma magnifica egreja em honra de seu sobrinho, para a qual foram trasladadas suas reliquias. Morreu o nosso santo pelos annos de 1319 aos 34 de sua edade.

Poucos santos começaram a ter culto tão cedo como S. Roque. Desde o dia do seu enterro começou a devoção particular a concorrer á sua sepultura. E' verdade que desde logo manifestou Deus a gloria e o valimento do seu servo com multidão prodigiosa de milagres; e particularmente com aquelles que em tempo de peste imploravam sua poderosa protecção. Por esta feliz experiencia a maior parte das cidades e dos povos escolheram-no como um de seus patronos, fazendo voto de guardar como festivo o dia de sua morte, que foi a 16 de agosto.

Entre outras innumeraveis cidades que o tomaram por patrono foi uma a cidade de Veneza; em attenção a isto, alguns aventureiros venezianos tiveram artes de furtar de Montpellier uma parte de suas reliquias; a outra foi trasladada pelo marechal de Boucicault para a egreja dos Padres trinitarios em Arles, d'onde se distribuiram amplamente para todas as cidades do reino.

RETROSPECTO

A ilha da Trindade

Por ordem do nosso governo foi enviada aos jornaes a seguinte nota:

«Tendo o governo de Portugal offerecido os seus bons officios ao Brazil e á Inglaterra para a solução amigavel do conflicto suscitado ácerca da ilha da Trindade, foram estes bons officios gostosamente acceites pelas duas potencias. Examinado o assumpto com a devida ponderação, e expostas com toda a lealdade, pelo governo portuguez, ao de Inglaterra, as razões que lhe determinaram o convencimento de que ao Brazil assistia o direito de soberania sobre aquella ilha, o governo de S. M. Britanica, nobremente declarou reconhecer a plena soberania da ilha da Trindade, terminando d'esta maneira, honrosissima para as duas altas partes, o conflicto, que, por vezes, pareceu perturbar a boa harmonia entre aquellas duas importantes nações. Muito breve serão publicados os documentos relativos a esta feliz negociação.»

A resolução d'este conflicto é um verdadeiro acontecimento para Portugal e um justo titulo de gloria.

A questão da ilha da Trindade era muito melindrosa. Pela feição que ia tomando, receiava-se, com justificada razão, que abrisse um grave conflicto entre a republica brazileira e a Inglaterra. O offerecimento dos nossos bons officios ás duas potencias para dirimir o pleito, offerecimento que foi acceito com aprazimento pelas duas nações, se foi uma honra para nós, foi tambem um grande serviço a essas potencias, porque as livrou de serias difficuldades. Mas o Brazil e a Inglaterra, acceitando os nossos serviços, deram-nos uma prova de confiança e amizade a que devemos ser gratos.

Com a nossa interferencia, o Brazil continúa no goso da ilha da Trindade, a que tinha incontestavel direito de soberania; e a Inglaterra, se viu indeferidas as suas pretensões, por não assentarem em bases solidas, restabeleceu as relações com um paiz amigo, relações que estavam prestes a quebrar-se.

Ambas estas potencias lucraram, mas principalmente o Brazil.

Folgamos com esta solução.

E folgamos porque ella virá estreitar mais e mais os laços que nos unem á nação irmã, que falla a nossa lingua.

O Clero da diocese do Porto e as bodas de prata do Em.mo Prelado

O Ex.mo Cabido da Cathedral do Porto, para commemorar o 25.º anniversario, que occorre a 10 de setembro proximo, da Sagração Episcopal do Em.mo Snr. Cardeal D. Americo, e bem assim para testemunhar a gratidão e filial affecto do Cabido e de todo o clero da diocese á pessoa do seu Prelado, resolveu abrir e promover entre o clero diocesano, uma subscripção para o seu producto ser offerecido a Sua Eminencia com o fim de se fundar no Semina-

rio da diocese, a bem d'este, qualquer instituição que perpetuamente recorde aquelle glorioso anniversario. Eis a circular remettida aos rev.mos Parochos da diocese:

Ex.mo e Rev.mo Snr.

Impulsionado mais por inspirações proprias que por exemplos alheios, resolveu o Cabido d'esta Sé Cathedral commemorar o vigesimo quinto anniversario (bodas de prata) da Sagração Episcopal de Sua Eminencia o Senhor Cardeal D. Americo Ferreira dos Santos Silva, Bispo d'esta diocese, anniversario que occorre no dia 10 de setembro proximo, celebrando n'este dia, e com o possivel esplendor, um solemne *Te-Deum*, em acção de graças.

Considerando, porém, que Sua Eminencia pelas suas iniciativas fecundas, pelos seus donativos principescos, pelo seu governo prudente, paternal e justo, e pela sua illustração e virtudes, elevou tão alto, e tornou tão proficuo o seu episcopado—que difficil será egualal-o e quasi impossivel excedel-o,—entendeu, por isso, este Cabido que deveria assignalar tambem este anniversario por algum extraordinario acto de caridade ou beneficencia, seguindo assim, embora de longe, o exemplo do inclito Prelado, que, em cada anno que passa, tem deixado um monumento, que fica attestando o seu acrisolado amor ao clero e fieis d'esta diocese.

E nenhum acto pareceu tão adaptado ao objecto e fim de que se trata, como seria o de offertar a Sua Eminencia uma quantia compativel com os parcos recursos da mesa capitular, sendo essa quantia especialmente destinada a fundar no Seminario Diocesano, e a bem d'este, qualquer modesta instituição, que perpetuamente recordasse este glorioso anniversario, e testemunhasse ao mesmo tempo a gratidão e filial affecto d'este Cabido á pessoa do seu Prelado.

Occorreu, porém, logo a esta corporação a lembrança de que seria ou pareceria menos justa assumindo para si só a honra da referida offerta e instituição, pois que d'essa honra desejaria, por certo, partilhar todo o clero da diocese, e testemunhar assim não só o seu reconhecimento e affeição ao Seminario que lhe ministrára educação e sciencia, mas tambem a sua adhesão e amor ao venerando Prelado, que lhe fôra sempre, mais que amigo, pae desvelado e extremoso.

Conscio, pois, de que interpretava bem os sentimentos e desejos do clero diocesano—toma este Cabido a liberdade de convidar a V. Ex.a, e por seu intermedio, os Reverendissimos Ecclesiasticos d'essa freguezia, a que subscrevam para a dita offerta e instituição com o obulo que expontaneamente lhes aprouver e as circumstancias permittirem, e roga-lhe ao mesmo tempo a fineza de enviar, até ao dia 14 de agosto, o producto da subscripção ou ao Reverendissimo Vigario da Vara d'esse Districto Ecclesiastico, ou ao Conego Secretario d'este Cabido, no Seminario Episcopal d'esta cidade.

Deus guarde a V. Ex.a—Porto, Sala das Sessões Capitulares, 9 de junho de 1895.

Deão Conselheiro Torquato Pereira Soares da Motta
Chantre José Correia Cardoso Monteiro
Arcipreste dr. Manuel Filippe Coelho
Conego José Pereira Peixoto Queiroz de Menezes
Conego Antonio Alves Mendes da Silva Ribeiro
Conego Monsenhor Manuel Ignacio da Silveira Borges
Conego Theophilo Salomão Coelho Vieira de Seabra
Conego Manuel José Gonçalves Corrêa e Sá
Conego Manuel Luiz Coelho da Silva
Conego dr. Theotonio Manuel Ribeiro Vieira de Castro, secretario.

Peregrinação a Sant'Iago

A peregrinação ao sepulcro do Apostolo Sant'Iago está já combinada com as companhias dos caminhos de ferro.

Sahirá de Lugo no dia 31 d'agosto, ás 6 horas da manhã.

Em Vigo embarcarão os peregrinos n'um magnifico vapor, para desembarcarem em Carril, sem escalas intermedias, chegando á hora conveniente da noite a Compostela. Esta peregrinação promette ser brilhante.

As Missões Franciscanas

Foram approvadas pela Santa Sé as Constituições das Irmãs Franciscanas Missionarias de Maria, fundadas ha 20 annos. Já teem na Europa e nos paizes de Missão trinta casas, formando um total de 1:200 Irmãs que cuidam d'umas 400:000 pessoas, entre meninos, enfermos e velhos. Só o Christianismo póde dar taes resultados.

A mão de Deus

Um casal livre-pensador de Andryes (França) tinha organisado, com o concurso do regedor e da professora, um baptismo civil para o dia da Ascensão, em que varios meninos da escola catholica faziam a sua primeira communhão; mas no mesmo dia de manhã, quando tudo estava preparado para a ceremonia, o marido foi atacado d'um accesso de loucura furiosa, em virtude do que foi mister leval-o para uma casa de doudos. Todos os habitantes da localidade reconheceram a mão de Deus n'aquelle facto.

O primeiro rei christão da Africa central

O primeiro rei christão na Africa central tem o nome de Francisco. E' Ndega, rei de Ushirombo, que ultimamente, depois d'uma grave enfermidade, pediu o baptismo que lhe foi ministrado pelo Padre Gerboin, sob a invocação do Santo d'Assis. Dois de seus filhos eram já catholicos, e os outros dois estão na instrucção preparatoria para serem admittidos na Egreja.

Padre condecorado

O governo da republica franceza concedeu o cordão da Legião d'Honra ao Padre Camillo de la Croix, sabio belga, ao qual a archeologia deve importantes descobertas.

Um padre-soldado

Acaba de morrer na Africa, victima das ambições italianas e da lei maçonica do recrutamento militar, um joven italiano.

Na vespera de receber as ordens sacras foi arrancado do seio da familia e da Egreja, e lá foi sacrificar-se nos climas abrazadores da Africa.

Congresso franciscano

Em Bruxellas projectou-se um congresso franciscano para 1897. O episcopado belga approvou este projecto, e o Em.mo Cardeal Goossens, Arcebispo de Malines, escreveu ao Padre Provincial dos Franciscanos Recoletos de Rekeins, dizendo-lhe: «Tenho a honra e o prazer de lhe fazer saber que o episcopado belga approva com muito gosto o projecto que V. Rev.a formou de celebrar em Bruxellas no proximo anno um congresso nacional.»

Joanna d'Arc

O snr. Bispo d'Orleans recebeu da Sagrada Congregação dos Ritos um decreto do Santo Padre que dispensa, por auctorisação apostolica, que se faça o processo de reputação de santidade da causa da veneravel Joanna d'Arc.

O decreto é o seguinte:

«A fama de santidade da Veneravel Joanna d'Arc era já tão grande antes do decreto de Urbano VIII, de santa memoria, que foi necessario, n'essa epoca, supprimir as demonstrações numerosas do culto que lhe era prestado. No entanto, essa grande fama de santidade, continuando a espalhar-se por toda a parte, não só não diminuiu, mas tomou novo incremento, principalmente depois que o nosso Santo Padre Leão XIII se dignou auctorisar a introducção da causa.

Foi por isso que o rev. Xavier Hertzog, procurador geral da Companhia de S. Sulpicio, humildemente supplicou ao Nosso Santo Padre que se dignasse conceder para esta causa a dispensa do processo relativo á fama de santidade em geral.

Sobre o relatorio que eu, abaixo assignado, Cardeal prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, lhe apresentei, Sua Santidade, acolhendo favoravelmente este pedido, dignou-se conceder por especial favor a dispensa solicitada, apezar das disposições em contrario.

Cardeal Aloisi-Masella,
Prefeito da Sagrada Congregação.

O Jubileu da Porciuncula

No dia 2 do corrente, festa da Porciuncula, o Santo Padre, acompanhado dos Prelados da sua côrte, foi pelas 8 horas e um quarto da manhã, á capella Paulina, que é a egreja parochial do Vaticano, e ahi celebrou a missa, em presença dos peregrinos americanos chegados no sabbado.

Depois d'uma segunda missa celebrada por um dos seus capellães secretos, o Santo Padre admittiu os americanos ao beija-mão.

A's 6 horas da tarde, com toda a sua côrte, o Papa foi de novo á capella Paulina fazer a visita prescripta para as indulgencias da Porciuncula. A vi-

sita durou uma hora approximadamente, durante a qual o Santo Padre esteve sempre de joelhos.

Uma centena de pessoas, entre as quaes bastantes religiosas, haviam obtido o favor de assistirem a esta visita.

O veneravel Vianney

O Santo Padre, na occasião da ceremonia relativa ao veneravel J. B. Vianney, pronunciou uma curta allocução. Falou da honra que resulta para a França da glorificação das virtudes heroicas do Veneravel e exprimiu a confiança de que, por intercessão do glorioso Parocho d'Ars, essa honra será acompanhada de beneficios para toda a nação.

O rev. Cazenave, procurador geral do seminario das missões estrangeiras, agradeceu.

Operarios catholicos

No dia 26 de julho passado a Sociedade Catholica de Duisburg celebrou a inauguração de uma nova sala de reuniões. O numero dos concorrentes era muito grande e a solemnidade foi cordeal.

A's 11 e meia realisou-se a benção da nova sala. A' tarde houve uma funcção sagrada na egreja de S. José e uma sessão solemne da Sociedade. Durante a reunião o Parocho Tovinting propoz uma saudação ao Soberano Pontifice e ao Imperador. Foi applaudidissima.

O deputado ao Reichstag, snr. Irimborn, de Colonia, pronunciou o discurso d'occasião e falou, no meio da attenção de todos, da importancia da questão social.

O snr. Tries, membro da presidencia, soltou um viva ao rev.mo Bispo de Munster.

Congresso anti-maçonico internacional

Realisa-se em breve um congresso anti-maçonico internacional, cuja iniciativa foi tomada pela União Anti-maçonica de Roma.

O presidente da commissão de organisação é o snr. Commendador Guilherme Alliata.

Devido á nobre iniciativa do Bispo de Trento e á boa vontade da auctoridade imperial, foi decidido pela commissão central executiva de Roma, que o primeiro congresso anti-maçonico deve realisar as suas sessões de 25 a 29 do proximo mez de setembro, na celebre cidade onde se reuniu o penultimo concilio ecumenico.

A organisação material das sessões está confiada a uma commissão local constituida em Trento e que se mantem em continua correspondencia com a commissão central de Roma.

Congresso catholico em Italia

O conselho director da *Obra dos Congressos* deliberou que o congresso geral d'este anno será celebrado em Fiesole nos dias 1, 2, 3 e 4 do proximo mez de setembro.

O congresso occupar-se-ha das materias seguintes:

Organisação e acção catholica; organisação dos estudantes universitarios catholicos; repouso festivo; obras pontificias e religiosas; eleições administrativas; movimento social geral; caixas ruraes, institutos de credito e uniões agricolas; obras pias; educação e instrucção; fundações e instituições catholicas; liga para a liberdade d'ensino; imprensa politica; imprensa popular e outras formas d'imprensa; arte christã.

A educação leiga em França

N'um relatorio official no qual se chama a attenção sobre o augmento espantoso da criminalidade nas creanças, o snr. Gullot, juiz do tribunal do Sena, escreve:

«*Com a religião vão-se muitas vezes todos os outros ideaes.* A patria, a familia, o dever ficam sendo palavras apenas, palavras que fazem sorrir, como faz sorrir a palavra *religião*. Nunca o cynismo e a ferocidade dos jovens se revelou a tal ponto. Nenhum homem sincero, sejam quaes forem as suas opiniões, pode dissimular que o terrivel augmento da criminalidade nas creanças, *coincidiu com a mudança feita no organismo de instrucção publica.*»

Não servirá isto para abrir os olhos a certa gente?

50.º anniversario da fundação da Sociedade de S. Vicente de Paulo na Hollanda.

Realisou-se ha pouco em Haya a festa do quinquagesimo anniversario da fundação na Hollanda da Sociedade de S. Vicente de Paulo. Achavam-se reunidos n'aquella cidade todos os Bispos da Hollanda, excepto o sr. Rurmonda, que não pôde assistir pela sua avançada edade, mas que enviou um delegado especial.

Pelo Ex.mo Internuncio Apostolico foi offerecido um jantar aos Prelados presentes, depois do qual se realisou a reunião solemne dos delegados das conferencias, cujo numero subia a mil. Tomaram parte n'ella, além do Internuncio, Bispos e delegados das conferencias, cerca de tres mil pessoas. Achavam-se presentes deputados, senadores, magistrados, conselheiros communaes e provinciaes e um representante especial do syndico d'Haya.

Tomou a presidencia o sr. Arcebispo de Utrecht. Falaram o presidente Geral da Sociedade na Hollanda, sr. Borret, deputado ao parlamento, o secretario geral, sr. Bevers, que leu um longo relatorio sobre os maravilhosos resultados da Obra de Conferencias, que nos 50 annos da sua existencia na Hollanda recolheu e dispendeu em obras de beneficencia 14 milhões de florins. Falou o celebre orador rev. Schoepmann, deputado. Recebeu-se um telegramma do Em.mo Cardeal Rampolla enviando a benção de Sua Santidade, o qual foi acolhido com enthusiasmo delirante.

Nos dias seguintes houve varias festividades. Sua Magestade a rainha concedeu ao presidente geral, sr. Borret, a cruz do *Leão neerlandez*.

A Immaculada Conceição e Visconti-Venosta

El Correo Español publicou a narrativa de um facto succedido ao actual ministro dos negocios estrangeiros de Italia, o marquez Visconti-Venosta.

Era em fevereiro de 1873. O snr. marquez de Visconti Venosta foi mandado em missão secreta extraordinaria á ilha de Cuba por Amadeu de Saboya, então rei de Hespanha. Embarcara em Habana a 3 de fevereiro para regressar á Europa, e durante os primeiros dias da travessia a augusta pessoa de Pio IX, o Papa então gloriosamente reinante, e o dogma da Immaculada Conceição foram o objecto da conversação ironica do marquez.

No sexto dia desencadeou-se uma tempestade terrivel, que durou alguns dias: todos se julgavam já perdidos e recommendavam-se a Deus e a todos os santos do céo, e o Visconti-Venosta não foi dos ultimos.

Na manhã do dia 10 de fevereiro, o marquez correu ao quarto do seu visinho, exclamando: «Milagre! milagre!», Levava na mão um pequeno prato, no qual no dia anterior deitara gomma. No fundo do prato o residuo do liquido tinha formado um desenho, cujas linhas de contorno reproduziam de um modo admiravel a Immaculada Conceição, a celebre obra-prima de Murillo.

D'aquelle dia em diante Visconti-Venosta acreditou no dogma da Immaculada Conceição. Guardou com muito cuidado o prato e disse: «Leval-o-hei a Turim, para os meus filhos. Esta imagem será para elles uma guia; ensinar-lhes-hei a amar e a abençoar a Immaculada Conceição.»

No dia seguinte a tempestade acabou, e Visconti-Venosta pediu ao capellão do transatlantico *Isla de Cuba* que celebrasse na ponte do navio uma missa em acção de graças, á qual assistiram todas as pessoas que se encontravam a bordo, excepto dezesete mações separatistas, embarcados na Havana para serem internados na Hespanha.

Leão XIII e os italianos

O director do *Corriere Nazionale* e o commendador Pedro Pacelli offereceram ao Soberano Pontifice 25:000 liras, producto da primeira subscripção, aberta como testemunho de reconhecimento dos italianos pelos esforços empregados por Sua Santidade para conseguir a liberdade dos prisioneiros de Abyssinia.

O Papa declarou que não havia ainda recebido noticias de Monsenhor Macario por causa da difficuldade das communicações; mas que espera que a liberdade dos italianos prisioneiros chegue a conseguir-se.

Instrucção em familia

Em Châlons-sur-Marne fundou-se uma nova instituição, emprehendida pela Sociedade de S. Vicente de Paulo, para espalhar a instrucção religiosa nas familias.

A Sociedade de S. Vicente de Châlons-sur-Marne tem por fim vulgarisar o ensino religioso, adoptando um genero popular e accessivel ás intelligencias menos cultivadas. Publicará folhas de quatro paginas, em que se tratam as principaes questões religiosas e sociaes, sem excluir as actualidades e as variedades.

Todos os mezes os assignantes recebem, para os quatro ou cinco domingos do mez seguinte, quatro ou cinco folhas; o modo da distribuição é á vontade dos assignantes.

Protesto contra ladrões de capellas

Em Parmenia realisou-se no dia 2 d'agosto uma peregrinação de individuos que protestaram contra os ladrões das capellas dos revs. Padres Olivetains.

A multidão era piedosa e recolhida na missa campal.

Ao Evangelho, um Padre dirigiu a seguinte allocução: «Nosso Senhor é ultrajado, exilado; aos fieis pertence defendel-o! aos fieis compete vigiar pelos seus direitos! Vossas armas, meus irmãos, serão a graça e o sacrificio; outr'ora Christo subia dolorosamente o Calvario; hoje, ainda continua esse caminho atravez do mundo, segue para o salvar. Ajudemol-o a levar a pesada cruz como o Cyrineu; consolemol-o como a Veronica.»

Estas commovedoras manifestações renovar-se-hão todos os domingos.

Nova capella em Inglaterra

Está em Pamplona o rev. Vaughan, irmão do Cardeal Primaz de Inglaterra e Arcebispo de Londres.

Este principe da Egreja envia seu irmão com o fim de recolher esmolas destinadas á construcção da capella do Santissimo Sacramento na nova cathedral catholica de Londres.

O Em.mo Cardeal Vaughan solicita a cooperação da Hespanha catholica para essa obra de fé, que tem por objecto a honra e o culto de Nosso Senhor Jesus Christo no Santissimo Sacramento.

A Cathedral do Westminster, actualmente em via de construcção, será um meio efficaz de apresentar á mente do povo inglez o culto solemne da Egreja.

O Santissimo Sacramento ha de ser o centro, a alma e a vida do novo templo.

O Cardeal Vaughan diz na sua carta que, assim como a Hespanha, no tempo do protestantismo e da perseguição religiosa fez todo o genero de sacrificios para sustentar a fé e o dogma da presença real de Nosso Senhor Jesus Christo na Inglaterra, educando os sacerdotes e protegendo-os quando iam ao Imperio Britanico receber a corôa do martyrio, do mesmo modo espera que os hespanhoes concorram de novo para accender, entre os inglezes, as chammas do amor e devoção a Jesus Sacramentado.

Congresso catholico de Dortmund

A *Tremonia*, jornal de Dortmund, escreve ácerca do congresso catholico que nos fins do corrente mez ha de celebrar-se n'aquella cidade:

«Ao lado da questão operaria, será tratada no 43.º congresso geral catholico allemão a das industrias e da agricultura por parte de oradores competentes, quer nas reuniões publicas quer nas particulares e na secção das questões sociaes.»

«Pelo que diz respeito á questão agraria, que especialmente nos ultimos annos tem sido alvo das mais vivas polemicas no Parlamento e na imprensa, annuncia-se que os discursos respectivos serão feitos por personagem eminente e versado na materia.»

«Esperamos que o congresso catholico d'este anno fará penetrar plenamente nas populações ruraes o convencimento de que as questões agrarias não podem ser decididas com animosidades e declamações partidarias, mas sim procurando o justo meio que em tantas outras questões tão excellentes resultados tem dado».

O catholicismo na Hollanda

Escrevem de Chemille, em data de 7 d'agosto:

O snr. Robineau, official de justiça, apresentava-se hontem na casa das Irmãs Trappistas para roubar, a fim de fazer pagar a este pobre convento as despezas do processo feito para lhes extorquir o imposto especial sobre a vida religiosa. Chegando á porta, tocou á campainha.

—Ah! sois vós, snr. Robineau, diz a Irmã porteira, que estava a pintar parte da porta.

Pareceu muito embaraçado em explicar sua missão.

—Não tereis coragem de fazer uma tal violação, diz a Irmãsinha.

—Que quereis, trata-se da minha situação, da minha vida... se quereis dar-me com que viver...

—Ha outros meios de ganhar a vida.

—Olhae, disse elle, vós pintaes, e vêdes que estamos n'um tempo em que obrigam a fazer todas as coisas.

A snr.ª Superiora appareceu, e oppôz uma recusa digna, deixando o official cumprir o seu triste encargo.

Adiantou se, encontrou um boi, que prendeu em nome da lei.

Indignados todos esperam com impaciencia a venda do boi.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1$000 reis—Estados da India, China, e America, 1$380 réis, moeda portugueza—Numero avulso 100 réis.

As assignaturas são pagas adeantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a
Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.
O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a
Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74—PORTO.

Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria 74.—Porto